

REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE AS NUANCES DO ORGULHO E VAIDADE A PARTIR DO CONTO “BRANCA DE NEVE”, DOS IRMÃOS GRIMM

Thais Serafim Oliveira¹; Anália Beatriz Correia de Moraes²; Emmanoel de Almeida Rufino³;

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – campus João Pessoa,

thais.serafim@outlook.com¹; *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – campus João Pessoa,*

analiabcm1@gmail.com²; *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – campus João Pessoa,*

emmanoel.rufino@ifpb.edu.br³

INTRODUÇÃO

Dos primórdios aos dias de hoje, o orgulho é considerado por diversos pensadores como o centro de todos os vícios. Tendo em vista esta asserção, temos que a vaidade é um dos vícios procedentes do orgulho. Sabendo que o mesmo tem sido bem presente na vida dos seres humanos –, no decorrer da história da humanidade podemos observar o quanto à vaidade gerada pelo orgulho trouxe um desequilíbrio nas relações humanas – seja este causado num determinado contexto histórico, como também nas mitologias e contos de fadas.

Atualmente este tema se revela muito importante, tendo em vista que o mundo contemporâneo é líquido (BAUMAN, 2007) e as relações entre vaidade, beleza e poder estão bem inseridas na sociedade; podemos observar que muitos desses aspectos atuais são colocados em evidência em algumas passagens dos contos de fadas como exemplo, podemos citar o conto “Branca de Neve”. Segundo Darnton (1986), os contos de fadas revelam o contexto da sociedade da época, o modo de pensar e o comportamento social. Prestando-se também a continuas releituras, adaptando-as aos valores e necessidades de cada tempo.

Diante desse contexto, nosso estudo dispõe-se a tentar responder a seguinte problemática: como o conto “Branca de Neve” pode nos apresentar e nos suscitar a pensarmos acerca das nuances do tema orgulho e vaidade, que são tão presentes na configuração estética, psíquica e, portanto, existencial do ser humano? Objetivando, pois, analisar filosoficamente o tema orgulho e vaidade a partir do conto “Branca de Neve” dos irmãos Grimm, dividiremos este estudo em duas etapas específicas: primeiramente investigaremos os elementos da narrativa da “Branca de Neve” em que despontam os temas já supracitados; e, em seguida examinaremos filosoficamente esses temas a partir de suas manifestações no referido conto.

Por pensarmos os temas orgulho e vaidade na perspectiva de um conto infantil este estudo abre portas para diversas reflexões acerca de uma questão tão contemporânea, fazendo uma releitura filosófica das passagens que despontam o fenômeno do orgulho e da vaidade, que influenciam fortemente as relações sociais.

METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo assume uma tipologia teórica, fundada numa abordagem bibliográfica. Tendo em vista os objetivos específicos que delimitamos, organizaremos as estratégias metodológicas do nosso estudo da seguinte forma: analisaremos elementos da vaidade no conto “Branca de Neve” dos irmãos Grimm utilizando a obra *Contos de fadas* de Perrault et al (2010); em seguida, a fim de discutirmos filosoficamente os temas orgulho e vaidade, faremos uso das obras *Modernidade Líquida* de Zygmunt Bauman (2007), *Sobre a vaidade* de Michel de Montaigne (1998) e *Cristianismo puro e simples*, de C.S Lewis (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conto “Branca de Neve” nos traz a estória de uma belíssima Madrasta, que apesar de ser bela exteriormente, era orgulhosa, arrogante e não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita que ela. Demasiadamente vaidosa, dispunha de um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se olhar, dizia: “Espelho, espelho meu, existe outra mulher mais bela do que eu? E o espelho sempre respondia: “Não, minha rainha, sois de todas a mais bela.” Ao ouvir a resposta, ficava muito feliz, pois sabia que o espelho sempre dizia a verdade.

Certo dia a Rainha pergunta novamente ao espelho mágico se haveria outra mulher mais bela, e o espelho lhe responde: “Ó minha Rainha, sois bela ainda, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.” Após ouvir destas palavras a estória nos conta que seu coração encheu-se de ódio, e a partir de então não teve um momento de paz, não descansando até que visse sua enteada morta. A partir deste momento podemos analisar o quanto a vaidade procedente do orgulho excessivo tornou-se um grande vício para a madrasta – vaidosa carecia das elucidações de um espelho mágico para consolidar sua formosura e nutrir seu ego, com a necessidade de manter-se sempre a mais bela, obteve seu egotismo inflamado a partir do momento em que soube que não era a mulher mais bonita.

C. S. Lewis, escritor e professor de literatura, mais conhecido pela sua obra infantil *As Crônicas de Nárnia* em uma análise sobre o orgulho, diz que “O orgulho é essencialmente competitivo – por sua própria natureza -, ao passo que os outros vícios só o são acidentalmente por assim dizer. O prazer do orgulho não está em se ter algo, mas somente em se ter mais que a pessoa ao lado” (LEWIS, 2009, p. 163). Assim também era a madrasta. Não satisfeita em ser apenas bela, tinha a necessidade de ser mais bela que Branca de Neve, para assim, obter prazer, e isso foi a sua destruição. Montaigne chama-nos atenção para a necessidade de um indivíduo estar em constante comparação: “Seja o que for, artifício ou natureza, isso que nos imprime a condição de viver da comparação com outrem, faz-nos muito mais mal que bem” (MONTAIGNE, 1998, p. 19).

Tendo em vista que no decorrer do conto a madrasta malvada, consumida pelo orgulho e a vaidade, vivencia a experiência de um final muito infeliz (condenada a calçar sapatos de ferro incandescentes e a dançar com eles até cair morta no chão), observamos que as consequências de um coração transbordado de orgulho e vaidade trazem muito mais sofrimentos do que paz. A madrasta, ao descobrir a opinião do espelho mágico, tentou de todas as maneiras provar que era mais bela que Branca de Neve, não se atentando ao ser humano maldoso que estava se tornando, importava-se apenas com o seu próprio bem-estar e sua aparência exterior.

Ao analisarmos o personagem da madrasta, percebemos o quanto o mesmo se compara excessivamente com o personagem da Branca de Neve, “É a comparação que torna uma pessoa orgulhosa: o prazer de estar acima de todos os seres” (LEWIS, 2009, p. 163). É bem visto no decorrer do conto o comportamento demasiadamente orgulho da madrasta, e o quão prazeroso era para a mesma.

Sabemos que a beleza exterior é efêmera, pois o tempo se encarrega de levar consigo a juventude e a formosura da qual pertence, e esta condição fez com que a madrasta tivesse sempre incertezas acerca de sua atual condição – “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (BAUMAN, 2007, p. 8). Essa inconstância a fazia sempre indagar ao espelho se a colocação de mais bela ainda lhe pertencia, comparando-se sempre até se consolar – “Em todas as nossas vicissitudes, comparamo-nos a quem está acima de nós e olhamos para os que estão melhores; comparemo-nos ao que está abaixo: não há ninguém tão desazado que não encontre mil exemplos em que se consolar” (MONTAIGNE, 1998, p. 26).

Na modernidade o tema supracitado tem sido alvo de diversas oscilações do seu real significado, motivo pelo qual termos que na antiguidade indicavam algo vergonhoso e mal, nos dias de hoje, tornaram-se para muitos, algo aprazível do qual não se deve inibir/impedir. Num mundo

líquido onde os indivíduos tendem sempre a querer de forma excessiva ser o referencial de tudo, o vício pela beleza e pelo poder fez com que muitos mergulhassem nesse submerso mundo líquido, e esta liquidez fez com que a vaidade e o orgulho se transformassem em virtudes.

Na sociedade contemporânea, há uma busca incessante pela perfeição. Em meio a tanta tecnologia, poder midiático e indústrias, as relações sociais têm sido cada vez mais afetadas, e as consequências para quem se propõe alcançar a perfeição ditada pelos mesmos tem sido devastadora – nas redes sociais, a ditadura da beleza tem influenciado fortemente a sociedade. Despertando nos indivíduos o desejo de ser sempre o melhor, fazendo com que muitas das vezes o mesmo se utilize de artifícios prejudiciais, que afetam negativamente sua vida, seja na saúde física, psíquica, como também nas suas relações sociais, afetando não só a si mesmo, mas ao próximo.

As redes sociais são como espelhos mágicos, que estão sempre a julgar e a avaliar constantemente os indivíduos, alimentando assim cada vez mais o orgulho, e a partir de então o desejo compulsivo de competir, nascendo então à busca excessiva de se mostrar sempre perfeito, experimentando um mundo mecânico e superficial, um mundo líquido.

CONCLUSÕES

O conto de fada “Branca de Neve” possui valores sociais e culturais que dizem respeito à sociedade em que foi gerado e propagado. Por sua vez o conto nos permite diversas releituras, que também nos mostra os valores sociais e culturais atuais. Segundo Darnton (1986), os contos que atualmente são direcionados ao público infantil, no passado eram destinados aos adultos, como meio de diversão.

Ao analisarmos os elementos da narrativa do conto em que despontam os temas orgulho e vaidade e, a partir das reflexões filosóficas tecidas a partir desses temas, podemos concluir que atualmente o espelho: indústrias e os meios de comunicação em geral. Tornaram-se uma espécie de juiz (semelhante ao espelho mágico da Madrasta) diante deles os réus submersos no mundo líquido, se veem mergulhados no orgulho e na vaidade. Essa condição afeta de maneira negativa as relações sociais, tendo como resultado a centralização do “eu”, relacionamento momentâneos, desvalorização da família, insensibilidade, dentre outros. O vício do orgulho e da vaidade, fazem com que as relações sejam abaladas, onde a importância do próximo é reduzida, e o amor, afeto e a amizade se esvaem, dando lugar a uma concorrência permanente, porque não escutamos mais, pois

damos ouvidos somente ao que é dito sobre nós mesmos, assim como a Madrasta de Branca de Neve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DARTON, Robert. **O grande Massacre de Gatos**. 1º Ed. Rio de Janeiro. Graal. 1986.

LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Álvaro Oppermann e Marcelo Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. **Sobre a Vaidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PERRAULT et al. **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Apresentação Ana Maria Machado. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.